

A Ressignificação de Malinche: Identidade, Poder e Mediação cultural em La Malinche de Carmen Tafolla

Karine Klug de Souza ¹

Karine Klug de Souza é graduanda em Letras – Tradução (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), com interesse nas áreas de linguagem, comunicação, tradução e práticas pedagógicas. Participa de projetos de ensino e extensão voltados ao ensino de línguas, leitura crítica e mediação de sentidos entre culturas e discursos. Possui formação complementar em produção textual, competências profissionais, ferramentas digitais e estratégias de marca. Atua no desenvolvimento de habilidades acadêmicas, comunicativas e criativas, com foco no aprimoramento de competências do século XXI, como pensamento crítico, autonomia e representação simbólica.

 <https://orcid.org/0009-0006-6900-7341>

Camila Quevedo Oppelt ²

Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (2021), possui mestrado em Letras (Inglês e Literatura Correspondente) pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) e licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Católica de Pelotas (2006). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria Sociocultural e Teoria da Identidade, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino/aprendizagem, língua adicional, ensino/aprendizagem de línguas, identidade e cultura, comunidades imaginadas e autonomia.

 <https://orcid.org/0000-0003-1054-9737>

Data de recebimento: 25 de abril de 2025.

Data de aceite: 27 de maio de 2025.

Como citar este artigo: SOUZA, K. K. A Ressignificação de Malinche: Identidade, Poder e Mediação cultural em La Malinche de Carmen Tafolla. *Revista InterCulturas*, João Pessoa, v. 2, n. 1, p. e73859, jun. 2025. DOI: 10.5281/zenodo.15580758

RESUMO: Este artigo analisa o poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla³, sob a perspectiva da teoria de identidade e relações de poder de Bonny Norton (2000). Malinche, figura histórica controversa da colonização do México, é frequentemente retratada como traidora, um estigma que originou o termo *malinchismo* (MONSIVAIS, 2001). O poema de Tafolla desafia essa narrativa ao conceder voz à própria Malinche, permitindo-lhe reivindicar sua identidade e recusar o rótulo de *chingada*. A obra apresenta Malinche não como uma figura passiva, mas como uma mediadora cultural que compreendeu e transitou entre dois mundos distintos, vislumbrando uma nova identidade baseada na mestiçagem. A análise evidencia como Tafolla ressignifica Malinche, afastando-a da noção de submissão e reposicionando-a como um agente ativo da história.

¹ Endereço eletrônico: karineklugdesouza@gmail.com

² Endereço eletrônico: camila.quevedo-oppelt@fulbrightmail.org

³ Carmen Tafolla (nascida em 1951) é uma renomada escritora, poetisa e educadora chicana de San Antonio, Texas.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. mestiçagem. Mediação cultural. Relações de poder. Malinche.

The Redefinition of Malinche: Identity, Power, and Cultural Mediation in La Malinche by Carmen Tafolla

ABSTRACT: This article analyzes Carmen Tafolla's poem *La Malinche* through the lens of Bonny Norton's (2000) theory of identity and power relations. Malinche, a controversial historical figure in Mexico's colonization, is often depicted as a traitor, leading to the pejorative term *malinchismo* (MONSIVAIS, 2001). Tafolla's poem challenges this narrative by giving Malinche her own voice, allowing her to reclaim her identity and reject the label of *chingada*. Instead, she emerges as a cultural mediator who navigated between two different worlds, envisioning a new identity rooted in *mestizaje*. This analysis explores how Tafolla reinterprets Malinche, shifting her from a position of submission to that of an active historical agent.

KEYWORDS: Identity, *mestizaje*. Cultural mediation. Power relations. Malinche.

La Resignificación de Malinche: Identidad, Poder y Mediación Cultural en La Malinche de Carmen Tafolla

RESUMEN: Este artículo analiza el poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, desde la perspectiva de la teoría de identidad y relaciones de poder de Bonny Norton (2000). Malinche, una figura histórica controvertida de la colonización de México, suele ser retratada como traidora, un estigma que originó el término *malinchismo* (MONSIVÁIS, 2001). El poema de Tafolla desafía esta narrativa al otorgarle voz a la propia Malinche, permitiéndole reclamar su identidad y rechazar el rótulo de *chingada*. La obra presenta a Malinche no como una figura pasiva, sino como una mediadora cultural que comprendió y transitó entre dos mundos distintos, vislumbrando una nueva identidad basada en el *mestizaje*. El análisis evidencia cómo Tafolla resignifica a Malinche, alejándola de la noción de sumisión y reposicionándola como un agente activo de la historia.

PALABRAS CLAVE: Identidad. Mestizaje. Mediación cultural. Relaciones de poder. Malinche..

1 Introdução

A Literatura Chicana, desenvolvida no contexto do Movimento Chicano (Chicano Movement) nos Estados Unidos nas décadas de 1960 e 1970, constitui uma expressão literária de resistência cultural e afirmação identitária (Delgado, 1995). Esse movimento visava reconhecer os direitos civis e culturais da população méxico-americana, reconhecendo sua identidade mestiça, suas raízes indígenas e espanholas, e a opressão vivenciada dentro do território estadunidense (Muñoz, 2007). Caracteriza-se pela

hibrididade de gêneros, línguas (frequentemente combinando inglês e espanhol) e estilos, além de elaborar e reconstruir narrativas marginalizadas ou apagadas pela história oficial (Gutiérrez, 2010).

Nesse contexto, Carmen Tafolla é uma das vozes mais importantes da literatura chicana contemporânea. Nascida em San Antonio, Texas, Tafolla aborda em sua obra temas como identidade, fronteira, gênero e resistência, reafirmando a centralidade das mulheres chicanas como agentes de transformação cultural (Yáñez-Alaniz, 2023).

Portanto, o poema *La Malinche* de Tafolla deve ser lido não apenas como uma releitura histórica, mas também como uma construção estética profundamente enraizada no projeto político-cultural da literatura chicana, em diálogo com a teoria de identidade de Bonny Norton.

Malinche, também conhecida como Malinalli, Dona Marina ou Malintzin⁴, é uma das figuras mais enigmáticas da história da colonização do México. Segundo as crônicas da Nova Espanha⁵, teria nascido na região do Golfo do México, provavelmente entre os nahuas, e pertencido a uma família de status elevado. Após a morte do pai, foi entregue por sua mãe a outro grupo indígena, e, posteriormente, revendida até ser dada como tributo de guerra a Hernán Cortés em 1519 (De Toro, 2006). Durante esse percurso, aprendeu o maia e, mais tarde, passou a intermediar a comunicação entre Cortés e os povos indígenas por meio de suas habilidades linguísticas.

A identidade de Malinche passou por transformações forçadas desde a infância, sendo inserida em novas realidades linguísticas e culturais. De acordo com a concepção pós-estruturalista, a identidade não é fixa, mas uma construção dinâmica moldada por relações de poder e espaços sociais diversos (Norton, 2000). Malinche era ao mesmo tempo tradutora, amante, mãe e mediadora, desempenhando distintos dentro do

⁴ Neste texto, optamos pelo termo "Malinche", considerando que esse nome se tornou o mais amplamente reconhecido e utilizado, tanto em contextos acadêmicos quanto populares.

⁵ *Crônicas da Nova Espanha*, também conhecidas como *Crônicas das Índias*, são relatos históricos escritos entre os séculos XV e XVII por cronistas espanhóis e mestiços que testemunharam e narraram o processo de conquista e colonização das Américas.

contexto colonial. Sua habilidade em náhuatl e maia permitiu-lhe atuar como intérprete de Cortés, facilitando alianças estratégicas no cenário mesoamericano (Todorov, 1982).

A visão da imagem e do papel desempenhado por Malinche diante do encontro entre as culturas indígena e europeia também precisa ser considerada. Pensando em como a identidade é formada e transformada (Hall, 2015), é possível refletir como história e imagem são passíveis de transformação e (re)construção a partir da presença das ideologias hegemônicas que permeiam esses conceitos e influenciaram (e influenciam) a figura da mulher. Malinche atuou entre dois mundos, entre duas culturas, sua defesa foi o dom da palavra, e foi uma figura-chave na conquista do México.

2 Identidade e Poder em Malinche

A identidade de Malinche, além de seus papéis históricos e simbólicos (como intérprete e mediadora cultural) foi também influenciada por sua relação com sua avó paterna, que teve um papel essencial em sua educação. Desde muito jovem, ela foi ensinada a desenhar códices mentais para exercitar sua linguagem e memória. "A memória", dizia sua avó, "é ver de dentro. É dar forma e cor às palavras. Sem imagens, não há memória" (Esquivel, 2006). Esse treinamento desde a infância influenciou sua habilidade como intérprete e mediadora no período da conquista.

A condição feminina de Malinche também apresenta um fator relevante para pensarmos a maneira como ela foi interpretada pelo discurso cronístico espanhol. Segundo Elena Pellus Pérez (2004), as referências às mulheres nos escritos sobre a conquista apenas mencionam suas funções domésticas e de serviço aos soldados, o que contribui para a marginalização da figura de Malinche. Assim, consideramos que foi o pensamento colonial e patriarcal que responsabilizou Malinche pela tragédia histórica apenas por seu gênero, perpetuando uma narrativa de conquista e violência.

A figura de Malinche, amplamente discutida nas narrativas históricas mexicanas (Paz, 1950; Townsend, 2006; Díaz del Castillo, 1632; León-Portilla, 1959; Karttunen,

1994), é multifacetada e resiste a simplificações. Seu nome, que deu origem à expressão "la malinche!", carrega um duplo significado: enquanto é usada como um termo que designa tradutor, também é associada à ideia de traidor — especialmente por sua colaboração com os conquistadores espanhóis. Essa ambivalência remonta a um antigo ditado italiano, Traduttore, Traditore (Tradutor, Traidor), que sugere que o papel de tradutor, ou intermediário, implica uma traição ou uma divisão de lealdades.

A identidade de Malinche é complexa e não pode ser reduzida a um único papel, como o de "traidora". Ela foi mulher, tradutora, amante, mãe e, para muitos, traidora de seu próprio povo. A seu favor, porém, há a evidência de que sua posição como tradutora e intérprete, exercida com habilidade linguística e sagacidade, lhe conferiu certo poder. Como Norton (2000) sugere, a identidade é uma área de conflito, em que a subjetividade de um indivíduo é moldada por diversas relações de poder, e as múltiplas posições sociais que ocupa ao longo de sua trajetória podem levar a construções de identidades contraditórias (sim, no plural). Malinche, assim, não era apenas uma vítima ou uma traidora; ela era, simultaneamente, uma agente de transformação, transgredindo as normas sociais que limitavam as mulheres nativas dentro de uma sociedade patriarcal e colonialista. Além disso, como afirmam Norton e McKinney (2011), relações de poder desiguais e mutáveis estão conectadas à agência de uma pessoa⁶. Neste contexto, Malinche, ocupava uma posição estratégica ao dominar várias línguas, o que lhe permitiu atuar em um espaço público, antes reservado apenas aos homens, e influenciar decisões políticas que moldaram o destino de toda uma civilização. Portanto, é importante destacar que a tarefa de Malinche, como intérprete, exigia habilidades raras e incomuns para uma mulher de sua época. Como observa Kartunen (2011, p. 1) "sua tarefa requeria poliglotismo e domínio do discurso aristocrático, a complicada forma de expressão usada pela nobreza Mesoamérica. Essas duas habilidades seriam pouco comuns em um jovem homem, mas elas teriam sido praticamente inexistentes em uma jovem mulher." Este é outro ponto interessante de conectar com a concepção de que a língua, por seu maior

⁶ Ainda que as autoras estudassem especificamente aprendizes de línguas adicionais.

valor nas (inter)relações, é considerada além de sua função comunicativa e mais do que um sistema de signos. Em vez disso, a língua é, em si mesma, uma prática social responsável pela cocriação de significados, experiências e identidades (Norton, 2013; Mckinney; Norton, 2011).

De acordo com Bonny Norton (2013), a identidade não é fixa; ela é construída dentro de relações sociais desiguais e está sujeita a mudanças ao longo do tempo e do espaço. A trajetória de Malinche exemplifica permite observar de forma particularmente significativa essa dinâmica: ela transitou por diferentes contextos e posições de poder, de nobre a escravizada, de escravizada a intérprete. Esse percurso resultou em uma identidade fluida e contraditória, marcada por múltiplas camadas — ora como instrumento de dominação, ora como figura que exercia, ainda que de forma limitada, algum grau de agência dentro das estruturas coloniais da época.

Nessa perspectiva, vale destacar a contribuição de Homi K. Bhabha (1994), que enfatiza a formação da identidade em espaços intersticiais ou de “entre-lugares”. Para Bhabha, a cultura e a subjetividade emergem nesses pontos de deslocamento e sobreposição de diferenças, criando formas híbridas de existência. No caso de Malinche, seu papel como intérprete não foi apenas uma posição de submissão; pelo contrário, ela se utilizou dessa habilidade para manobrar dentro de um sistema colonial que tentava marginalizá-la. Desse modo, a “localização da cultura” em Bhabha ajuda a compreender como, na fluidez desses espaços de negociação, Malinche pôde desempenhar um papel que, embora marcado pela dominação, também lhe conferiu certa agência ao transitar entre universos culturais distintos.

Nessa perspectiva, o conceito de "entre-espacos" (ou "terceiro espaco"), central na teoria de Homi K. Bhabha (1994), ajuda a compreender essa fluidez identitária. Esse espaco intersticial não pertence exclusivamente a uma cultura ou identidade, mas funciona como um lugar de tradução, negociação e transformação, onde culturas e significados se encontram e se misturam. No caso de Malinche, sua posição como intérprete a colocou exatamente nesse entre-espaco, no qual ela não era totalmente

espanhola nem inteiramente indígena, mas uma mediadora que transitava entre esses universos.

Segundo Bhabha (1994), o "entre-espaço" permite a negociação cultural, onde identidades não são fixas nem opostas de forma rígida, mas estão em constante construção. Malinche, ao desempenhar seu papel, não apenas sofreu a dominação colonial, mas também encontrou formas de agência nesse processo. Sua presença nesse espaço liminar mostra que a identidade não é um reflexo fixo da tradição ou da origem, mas sim um fenômeno híbrido que surge das trocas e deslocamentos entre culturas, desafiando dicotomias simplistas entre opressor e oprimido.

Walquíria Rodrigues Pereira (2020) destaca que Malinche foi "tripla e sistematicamente usada": primeiro por sua família, depois pelo seu povo e, finalmente, pelos conquistadores. Embora a sociedade colonialista e patriarcal tenha imputado à Malinche a culpa por um processo de destruição que desconsiderava sua estratégia de sobrevivência, é crucial reconhecer que suas ações foram de grande ajuda para a queda do Império Asteca. A narrativa de malinchismo, associada à traição, passou a ser usada para descrever aqueles que favoreciam influências estrangeiras em detrimento da identidade nacional.

No entanto, atribuir a Malinche o papel de traidora ignora as relações de poder (Norton, 2019) e as limitações impostas às mulheres indígenas dentro desse contexto, que estavam longe de ter a autonomia para se opor completamente aos invasores ou alterar o curso da história. Além disso, malinchismo também é considerado por Milagros Palma (1991, p. 147) como uma forma de atribuir a culpa e a traição à condição feminina na América. Esse pensamento visa responsabilizar a mulher pelos males da história apenas por seu gênero, numa constante oposição entre os sexos que evidencia "conquista" e violência: o homem é o "conquistador", aquele que pratica a ação, e a mulher é a violada, aquela que sofre a ação.

Por fim, a definição de identidade proposta por Norton (2013, 2010) também é aplicável ao papel de Malinche. A linguista define identidade como uma construção social

complexa, sujeita a transformações dinâmicas. Sua colaboração com os espanhóis e sua posição como intérprete, embora inicialmente vistas como um ato de traição, também podem ser interpretadas como uma tentativa de navegar por um sistema de poder desigual e de resistir, à sua maneira, à (completa) marginalização.

Bonny Norton (2000, 2019) destaca que o aprendizado de uma língua ocorre em contextos permeados por relações de poder. A trajetória de Malinche, ao revelar como suas habilidades linguísticas lhe possibilitaram ocupar posições estratégicas junto aos espanhóis, ajuda a ilustrar como a linguagem pode funcionar tanto como instrumento de dominação quanto como ferramenta de mobilidade social e reconfiguração identitária. Contudo, o acesso simbólico que ela conquistou não a isentou das restrições estruturais impostas pelo colonialismo, o que reforça a ideia de que a identidade é um campo de disputa, negociação e transformação contínua (Norton, 2013).

Com base nas reflexões de Kanno e Norton (2003), uma comunidade imaginada refere-se àqueles grupos de pessoas com os quais alguém imagina e espera se conectar como resultado e como motivação para seu investimento em suas ações, por exemplo. Portanto, alguém pode lutar por legitimidade ao investir em suas comunidades imaginadas (que idealizam e especulam como uma realidade mais ampla possível), e essas comunidades com as quais de fato se afiliam podem afetar suas trajetórias e sua percepção de si mesmos. Neste sentido a mudança de nome de Malinche para Doña Marina, imposta pelo batismo católico, remete à concepção mítica da transformação do ser humano ao longo de sua trajetória (Cassirer, 1972). No entanto, ao perceber que o novo mundo prometido pelos espanhóis não correspondia às suas expectativas, Malinche tentou resistir, mas já estava aprisionada na rede de poder que ajudou a construir.

Para Octavio Paz (1984), Malinche foi associada à figura de La Chingada, símbolo da submissão feminina e da entrega do nacional ao estrangeiro. Essa visão reforçou a marginalização das mulheres indígenas dentro da cultura mexicana e perpetuou a ideia de que Malinche teria traído seu povo ao colaborar com os espanhóis. Entretanto, essa interpretação ignora as relações de poder às quais estava submetida e a complexidade

de sua identidade. Como aponta Kartunen (2011, p.6), tratá-la como traidora é um "clássico caso de culpar a vítima".

Malinche, portanto, não deve ser entendida como uma personificação direta da teoria, mas como uma figura histórica cujas experiências complexas ressoam com os conceitos desenvolvidos por Norton (2000, 2013, 2019). A autora define identidade como "a forma pela qual um indivíduo entende sua relação com o mundo, como essa relação é estruturada ao longo do tempo e do espaço, e como ele percebe suas possibilidades para o futuro" (NORTON, 2013, p. 45). Ao considerar esse enquadramento, torna-se possível refletir sobre como Malinche construiu (ou foi forçada a construir) diferentes modos de ser a partir das dinâmicas de poder que a atravessavam.

Além disso, a língua desempenhou um papel essencial na construção da identidade de Malinche. Sua posição como intérprete lhe conferiu agência dentro da estrutura colonial, mas também a tornou alvo de críticas. Norton enfatiza que o aprendizado de uma língua ocorre dentro de relações de poder, e Malinche utilizou suas habilidades linguísticas para garantir sua sobrevivência e posição dentro do grupo conquistador. Sua fluência em náhuatl e maia, aliada ao rápido aprendizado do espanhol, permitiu que ocupasse um espaço de mediação estratégica, tanto para os espanhóis quanto para os povos indígenas (Norton, 2013).

A palavra chingada possui uma forte conotação sexual e de violência na cultura mexicana. Como explica Paz (1984, p. 77), a "chingada" é a mulher violada, passiva e submissa ao agressor. Essa perspectiva reforçou a ideia de que Malinche teria sido uma vítima e, ao mesmo tempo, responsável pela destruição de seu próprio povo. No entanto, Tafolla, em seu poema *La Malinche*, ressignifica essa narrativa ao dar voz à protagonista, permitindo que ela rejeite essa caracterização e reivindique sua identidade.

Dessa forma, Malinche deve ser compreendida em sua multiplicidade. Como mulher, tradutora e amante, sua trajetória reflete as tensões entre submissão e resistência. Se, por um lado, foi essencial para a comunicação entre espanhóis e indígenas, por outro, usou seus conhecimentos para navegar um contexto de opressão e

garantir sua sobrevivência. Como destaca Susan Bassnett (2003, p. 17), “a tradução não é um processo neutro, mas um ato altamente político que envolve a relação do tradutor com o texto de origem e a cultura de destino.” Ao atuar como intérprete, Malinche não apenas mediou línguas, mas também negociou significados e alianças em um cenário de poder desigual. Sua identidade foi forjada tanto pela dominação colonial quanto por suas escolhas e estratégias de adaptação. Assim, em vez de ser vista apenas como traidora ou vítima, deve ser reconhecida como um agente ativo na construção da história do México.

3 Análise do Poema

O poema de Tafolla (em completo no Anexo A)⁷ inicia-se com a voz subjetiva assumindo a identidade de Malinche, demonstrando consciência e agência sobre sua própria história. Essa perspectiva evidencia-se, por exemplo, no trecho em que a narradora se dirige a Cortez, reconhecendo seu papel fundamental na Conquista do México: “I helped you—against Emperor Moctezuma Xocoyotzin himself!”

Esse verso revela a autoconsciência da personagem quanto à sua participação ativa nos eventos históricos. Ao admitir seu envolvimento na derrocada de Moctezuma, a voz poética se posiciona não apenas como testemunha, mas como agente essencial nesse processo. Dessa forma, Tafolla constrói uma narrativa que questiona as representações tradicionais de Malinche, frequentemente reduzida a um símbolo de traição, e lhe confere um protagonismo que ressignifica seu papel histórico.

A Identidade Nominal de Malinche

⁷ O poema "La Malinche", de Carmen Tafolla, foi originalmente escrito em inglês e publicado em 1978, conforme indicado em *Infinite Divisions: An Anthology of Chicana Literature* (Tafolla, 1978; Rebolledo & Rivero, 1993)

Na primeira estrofe do poema, a voz poética apresenta os diferentes nomes pelos quais foi chamada ao longo da história:

*Yo soy la Malinche.
My people called me Malintzin Tenepal.
The Spaniards called me Doña Marina.
I came to be known as Malinche,
and Malinche came to mean traitor.
They called me---chingada.
Chingada!
(Ha---Chingada! Screwed!)*

No entanto, o poema não menciona *Malinalli*, nome de origem náuatle da personagem (Días del Castillo, 1632). Segundo a teoria linguística, o nome é um elemento fundamental da identidade, e a omissão de Malinalli pode reforçar a ideia de apagamento e reconstrução da figura histórica de Malinche conforme diferentes narrativas. Pode ser o apagamento de uma identidade imaginada pela própria Malinche. De acordo com Norton (2016), um indivíduo é impulsionado por sua identidade imaginada, assim como suas esperanças pelo futuro. Ou seja, talvez, Malinche tenha apagado intencionalmente aquela identidade para transformar-se em alguém com a esperança de um futuro melhor.

A identidade de Malinche é envolta em controvérsias, refletindo-se nas diversas formas como foi nomeada: Malinalli, Malintzin, Malinche e Doña Marina. Alguns estudiosos argumentam que "Marina" seria a versão hispanizada de "Malinalli", enquanto outros defendem a hipótese oposta. Frances Kartunen (2011, p. 2) propõe que o nome "Marina" teria sido adaptado à fonética náuatle como "Mali:nah", e que o sufixo honorífico "-tzin" foi interpretado pelos espanhóis como "-che", resultando na forma "Malinche". Assim, o nome retornaria ao espanhol como uma reconstrução fonética baseada na pronúncia indígena.

Além disso, o nome "*Doña Marina*" reflete a identidade católica imposta após sua conversão, consolidando sua assimilação cultural dentro da sociedade colonial espanhola. A multiplicidade de nomes revela as diferentes percepções sobre Malinche,

oscilando entre a reverência e a condenação, tornando-a uma figura histórica ambígua e polissêmica.

A Transformação de Malinche e a Construção do Mito da *Chingada*

A união de Malinche com os conquistadores espanhóis gerou, séculos depois, uma percepção negativa sobre sua figura, especialmente no contexto mexicano, onde passou a ser conhecida como *La Chingada*, um termo que a associa à traição de sua própria raça. Octavio Paz (1984) analisou essa construção simbólica e identificou Malinche como um mito vinculado à figura de *La Chingada*, que, segundo o autor, representa a passividade extrema da mulher diante da força masculina. Para Paz, a *Chingada* não apenas simboliza a mulher violada ou seduzida, mas também a entrega do nacional ao estrangeiro sem resistência.

Essa visão reforça a interpretação de Malinche como responsável pela submissão dos povos indígenas ao domínio espanhol, atribuindo-lhe a culpa pela perda da cultura asteca. De acordo com Paz (1984, p. 80), essa ideia contribui para perpetuar, na cultura mexicana, a figura de Malinalli como aquela que entregou seu povo ao estrangeiro e aceitou passivamente esse destino. Ele argumenta que a entrega da *Chingada* resultou na perda da identidade mexicana, consolidando a marginalização das figuras femininas e indígenas em uma sociedade que historicamente valorizou o masculino, o europeu e o cristão. No poema de Tafolla, essa noção é evocada no verso (linha 47): “*and I was immortalized Chingada!*”

A palavra *Chingada* carrega uma conotação sexual, mas não se limita a ser um sinônimo do ato sexual em si. Segundo Paz (1984, p. 77), o verbo *chingar* implica violência, engano e uma satisfação amarga associada ao ressentimento. De acordo com o mesmo autor, a pessoa que sofre essa ação é passiva e indefesa, enquanto quem a comete é ativa, agressiva e dominante. Dessa forma, o termo reflete não apenas uma

violência física, mas também simbólica, perpetuando uma construção misógina que reduz Malinche à condição de vítima e traidora ao mesmo tempo.

A análise de Paz (1984) evidencia como a figura de Malinche foi reinterpretada ao longo dos séculos, tornando-se um símbolo contraditório que oscila entre a condenação e a necessidade de reavaliação histórica. O poema de Tafolla resgata sua voz e agência, desafiando essa narrativa tradicional e buscando um novo entendimento sobre sua complexa identidade.

O Papel de Malinche e a Reconstrução de sua Identidade

O encontro entre Malinche e Cortés representou uma reconfiguração fundamental de seu papel na história. Inicialmente, sua fluência em náhuatl e maia a colocou ao lado do intérprete espanhol Jerônimo de Aguilar, que dominava o maia, mas não o náhuatl. Essa rede de comunicação facilitou a compreensão do contexto político mesoamericano por parte de Cortés, permitindo-lhe formar alianças estratégicas essenciais para a Conquista do México (Todorov, 1982, p. 96-97).

No poema, a referência ao colonizador como *“My dear Hernán Cortés”* (linha 15) sugere não apenas um sentimento de afeto, mas também alude a um relacionamento ambíguo que culminou no nascimento do primeiro mestiço, designado no texto como *“new world child”*. O fato de Cortés ter levado seu filho para a Europa (Tafolla, 1993, linhas 48-50) remete à incapacidade de aceitar Malinche como sua esposa, afinal ele já era noivo de uma dama da sociedade espanhola antes de sua chegada às Américas. Tal atitude simboliza a cegueira do invasor para a emergência de um novo mundo—o mundo dos mestiços—do qual Malinche, consciente de seu papel como *“mãe da mestiçagem”*, se torna a artífice, gerando uma identidade híbrida que transcende as fronteiras tanto da Europa quanto do Império Asteca. Essa temática é reiterada em diversas passagens do poema (Tafolla, 1993, linhas 20-22, 30-32, 43-44, 60-62).

A estrofe que expressa a dor de Malinche ao ver seu filho levado para a Europa reflete essa sensação de traição e desilusão (linhas 48 a 54):

"Years later, you took away my child
(my sweet mestizo new world child)
to raise him in your world
You still didn't see.
You still didn't see.
And history would call me
Chingada."

Aqui, Malinche aponta a cegueira de Cortés diante do futuro que ela antecipava, um futuro de mestiçagem e fusão cultural, que ele não reconhecia, ainda imerso na visão eurocêntrica e colonialista. Ela é consciente de seu papel como mãe de uma nova identidade e, no entanto, permanece marcada pela história que a rotula como “*Chingada*”. Contudo, no poema de Tafolla, Malinche se reivindica como a criadora desse novo mundo híbrido, mostrando que ela, mais do que qualquer outro, enxergava o futuro, a nova raça que surgiria a partir dessa união entre diferentes culturas.

Por fim, a estrofe que encerra o poema reforça uma interpretação da personagem como uma mãe orgulhosa e visionária. Ao evocar a expressão “*La razaaaa*” (linha 62), que significa “*raça*”, uma referência à identidade racial mexicana, que Malinche, de forma visionária, antevia. Tafolla subverte a imagem tradicional de Malinche como traidora, propondo, em seu lugar, uma visão futurista que celebra a formação de uma nova raça mexicana, resultado da mestiçagem. Essa reconstrução simbólica evidencia que, embora marcada por sentimentos ambíguos, a personagem transcende a condição de vítima e se afirma como agente ativa na construção do novo mundo. Assim, Malinche, no poema de Tafolla, não se considerava *Chingada*, *tricked*, *screwed*, ou *traitor* (linhas 58-59), mas, sim, a mãe da nação mestiça.

Considerações Finais

A análise do poema *La Malinche*, de Carmen Tafolla, à luz da teoria de identidade e relações de poder de Bonny Norton (2000, 2013, 2019), revela uma ressignificação profunda da figura histórica de Malinche. Longe de ser reduzida ao estereótipo de traidora ou vítima passiva, Malinche emerge no poema como uma agente ativa, mediadora cultural e visionária de uma nova identidade baseada na mestiçagem. Tafolla desafia as narrativas tradicionais que marginalizam Malinche, concedendo-lhe voz e permitindo que ela reivindique seu lugar na história como uma figura complexa e multifacetada.

A obra de Tafolla nos convida a repensar a identidade de Malinche não como uma construção fixa, mas como um processo dinâmico, moldado por relações de poder desiguais e por sua capacidade de transitar entre culturas distintas. A teoria de Norton (2000) sobre a fluidez da identidade e a agência dentro de estruturas de poder oferece uma lente valiosa para compreender como Malinche negociou sua posição em um contexto colonial opressivo. Sua habilidade linguística e sua atuação como intérprete não apenas a colocaram em uma posição estratégica, mas também a tornaram uma figura central na mediação entre dois mundos.

Além disso, o poema de Tafolla desmonta a narrativa misógina que associa Malinche à figura da *Chingada*, resgatando-a como uma mãe visionária da mestiçagem. Ao rejeitar o rótulo de traidora e reivindicar seu papel na formação de uma nova identidade cultural, Malinche é reposicionada como uma figura de resistência e transformação. A obra de Tafolla, portanto, não apenas questiona as interpretações históricas tradicionais, mas também propõe uma releitura que celebra a agência e a complexidade da figura de Malinche.

Por fim, a análise do poema reforça a importância de se considerar as múltiplas camadas que compõem a identidade de Malinche. Sua trajetória ilustra como a identidade é constantemente negociada em espaços de poder desiguais, e como a

linguagem e a mediação cultural podem ser ferramentas tanto de dominação quanto de resistência. Ao ressignificar Malinche, Tafolla não apenas recupera sua voz, mas também oferece uma visão mais inclusiva e complexa da história, que reconhece o papel das mulheres indígenas na construção das identidades nacionais e culturais. Assim, o poema nos convida a refletir sobre como as narrativas históricas são construídas e como podem ser desconstruídas para dar voz àqueles que foram silenciados.

Referências

BASSNETT, Susan. Estudos de Tradução: Fundamentos de uma Disciplina. Tradução de Viviana de Campos Figueiredo. Revisão de Ana Maria Chaves. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

BHABHA, Homi K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1994.

CASSIRER, Ernest. *Linguagem e Mito. Uma contribuição ao problema dos nomes dos deuses*. Tradução: J. Gunsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.

DARVIN, Ron; NORTON, Bonny. *Identity and a model of investment in applied linguistics*. Annual Review of Applied Linguistics, v. 35, p. 36-56, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0267190514000191>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

DELGADO, Fernando Pedro. Chicano movement rhetoric: An ideographic interpretation. *Communication Quarterly*, v. 43, n. 4, p. 446-455, 1995.

DE TORO, Alfonso. *Escenificaciones de la hibridez en el discurso de la conquista: Analogía y comparación como estrategias translatólicas para la construcción de la otredad*. Atenea (Concepc.) [online], n. 493, p. 87-149, 2006. Disponível em: http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-04622006000100006&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 10 de mar. 2025.

DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. *História verdadeira da conquista da Nova Espanha*. Tradução de Manuel Alvar. Madrid: Editorial Espasa-Calpe, 1632.

ESQUIVEL, Laura. *Malinche*. Buenos Aires: Alfaguara, 2006.

GRANDUQUE JOSÉ, Maria Emília. *A percepção da figura de Malinche a partir do discurso cronístico espanhol do século XVI*. In: ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2009, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: ANPUH, 2009.

GUTIÉRREZ, José Ángel. The Chicano movement: Paths to power. *The Social Studies*, v. 102, n. 1, p. 25-32, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HOFFMANN, Elisa. *Porta-voz entre dois mundos – uma análise da narrativa Malinche, de Laura Esquivel*. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

KARTTUNEN, Frances. *Between Worlds: Interpreters, Guides, and Survivors*. New Brunswick: Rutgers University Press, 1994.

KARTTUNEN, Frances. *Making herself indispensable, condemned for surviving: Doña Marina*. Mexicolore, 4 de março de 2011. Disponível em: <http://www.mexicolore.co.uk/aztecs/spanish-conquest/dona-marina-part-1/>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

LEÓN-PORTILLA, Miguel. *A visão dos vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. Tradução de Ruth de Almeida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1959.

MAYA NETO, Olegário da Costa. *Invadindo territórios e explorando corpos: Hernán Cortés e La Malinche*. Epistemologias do Sul, Foz do Iguaçu/PR, v. 2, n. 1, p. 101-128, 2018.

MCKINNEY, Carolyn; NORTON, Bonny. An identity approach to second language acquisition. In: LANTOLF, James; ATKINSON, Dwight (Org.). *Alternative approaches to second language acquisition*. Routledge, p. 73-94, 2011.

MONSIVÁIS, C. *La Malinche y el malinchismo*. In: GLANTZ, Margo. *Malinche, sus padres y sus hijos*. México: Santillana Ediciones Generales, 2001.

MUÑOZ, Carlos. *Youth, identity, power: The Chicano movement*. Verso Books, 2007.

NORTON, Bonny. *Identity and language learning: Gender, ethnicity and educational change*. Harlow, England: Longman/Pearson Education, 2000.

NORTON, Bonny. *Identity and Language Learning: Extending the Conversation*. 2. ed., p. 1-11, 2013.

NORTON, Bonny. Identity and language learning: A 2019 retrospective account. *Canadian Modern Language Review*, v. 75, n. 4, p. 299-307, 2019.

PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1950.

PAZ, Octavio. *Los hijos de la Malinche*. In: *El laberinto de la soledad*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1984. p. 59-78.

PALMA, M. Malinche, el malinchismo o el lado femenino de la sociedad mestiza. In: LUNA, Lola G. (Coord.). *Género, clase y raza en América Latina: algunas apontaciones*. Edición del Seminario Interdisciplinar Mujeres y Sociedad, Barcelona, 1991, p. 131-164.

PEREIRA, Walquíria Rodrigues. *História e imagem: as versões distintas do mito mexicano Malinche*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 11., 2020. Anais [...]. João Pessoa: Editora Realize, 2020. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72664>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

PELLÚS PÉREZ, Elena. *Construcción y destrucción de dos culturas: aztecas y españoles en tres relatos de Carlos Fuentes*. 2004. Disponível em: cervantesvirtual.com. Acesso em: 14 mar. 2025.

RIBEIRO, Fernanda Aparecida. *Malinche e a narrativa histórica feminina no século XXI*. Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 470-483, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/>. Acesso em: 10 de mar. 2025.

SANTOS, Ana Cristina dos; TAVELA, Renata Martuchelli. *Malinalli: a reconstrução identitária de uma personagem histórica*. Hispanista, São Paulo, v. XIII, n. 48. ISSN 1676-9058 (español), ISSN 1676-904X (português).

TAFOLLA, Carmen. *La Malinche*. In: REBOLLEDO, Diana; RIVERO, Eliana (org.). *Infinite Divisions: An Anthology of Chicana Literature*. Tucson: University of Arizona Press, 1993.

TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América: a questão do outro*. Tradução Beatriz Perrone Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

TOWNSEND, Camilla. *Malintzin's Choices: An Indian Woman in the Conquest of Mexico*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2006.



Revista InterCulturas
Vol. 2, n. 1, 2025 – e73859

Todo o conteúdo da RICS está licenciado sob Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

YÁÑEZ-ALANIZ, J. E. N. *Chicana Portraits: Critical Biographies of Twelve Chicana Writers*, p. 185, 2023.

ANEXO A – Poema "La Malinche" (em espanhol e português)
Poema I – "La Malinche", de Carmen Tafolla (1993)

1. Yo soy la Malinche.
2. My people called me Malintzín Tenepal
3. the Spaniards called me Doña Marina
4. I came to be known as Malinche
5. and Malinche came to mean traitor.
6. They called me—chingada
7. Chingada.
8. (Ha— ¡Chingada! ¡Screwed!)
9. Of noble ancestry, for whatever that means,
10. I was sold into slavery by MY ROYAL FAMILY—so
11. that my brother could get my inheritance.
12. . . . And then the omens began—a god, a new civilization,
13. the downfall of our empire.
14. And you came.
15. My dear Hernán Cortés, to share your “civilization”
16. —to play a god, ... and I began to dream . . .
17. I saw
18. and I acted.
19. I saw our world
20. And I saw yours
21. And I saw—
22. another.
23. And yes—I helped you—against Emperor Moctezuma
24. Xocoyotzín himself.
25. I became Interpreter, Advisor, and lover.
26. They could not imagine me dealing on a level
27. with you—so they said I was raped, used,
28. chingada
29. ¡Chingada!
30. But I saw our world
31. and your world

32. and another.
33. No one else could see
34. Beyond one world, none existed.
35. And you yourself cried the night
36. the city burned
37. and burned at your orders.
38. The most beautiful city on earth
39. in flames.
40. You cried broken tears the night you saw
41. your destruction.
42. My homeland ached within me
43. (but I saw another).
44. Another world -
45. a world yet to be born.
46. And our child was born ...
47. and I was immortalized Chingada!
48. Years later, you took away my child (my sweet
49. mestizo new world child)
50. to raise him in your world
51. You still didn't see.
52. You still didn't see.
53. And history would call me
54. Chingada.
55. But Chingada I was not.
56. Not tricked, not screwed, not traitor.
57. For I was not traitor to myself—
58. I saw a dream
59. and I reached it.
60. Another world.....
61. la raza.
62. la raaaaa-zaaaaa . . .

Poema II – "La Malinche", de Carmen Tafolla (1993), tradução de Olegário da Costa Maya Neto⁸

⁸ Olegário da Costa Maya Neto é bacharel e licenciado em Letras (Inglês) pela UFSC, mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Inglês da mesma universidade, e atualmente é professor do Curso de

1. Eu sou la Malinche.
2. Meu povo me chamava de Malintzín Tenepal
3. os espanhóis me chamavam de Doña Marina
4. Fiquei conhecida como Malinche
5. e Malinche se tornou sinônimo de traição.
6. Eles me chamam de – chingada
7. Chingada.
8. (Ha— ¡Chingada! ¡Ferrada!)
9. De ascendência nobre, seja lá o que isso quer dizer
10. Fui vendida como escrava por MINHA FAMÍLIA REAL – para
11. que meu irmão pudesse ter a minha herança.
12. . . . E então os presságios começaram – um deus, uma nova civilização,
13. a queda de nosso império.
14. E você veio.
15. Meu querido Hernán Cortés, para compartilhar sua "civilização"
16. —para fazer papel de deus, ... e eu comecei a sonhar . . .
17. Eu vi
18. e eu agi.
19. Eu vi nosso mundo
20. E eu vi o seu mundo
21. E eu vi –
22. outro.
23. E sim – eu lhe ajudei – contra o Imperador Moctezuma
24. Xocoyotzín em pessoa.
25. Eu me tornei Intérprete, Conselheira e amante.
26. Eles não conseguiam imaginar a mim negociando no mesmo nível
27. que você – então eles disseram que fui estuprada, usada,
28. chingada
29. ¡Chingada!
30. Mas eu vi o nosso mundo
31. e o seu mundo
32. e outro.

33. Ninguém conseguia ver
34. Além de um mundo, nenhum existia.
35. E você mesmo chorou na noite
36. em que a cidade ardeu em chamas
37. e queimou seguindo as suas ordens.
38. A cidade mais linda da terra
39. em chamas.
40. Você desabou em lágrimas na noite em que você viu
41. a sua destruição.

42. Minha terra natal ardia dentro de mim
43. (mas eu vi outra).

44. Outro mundo -
45. um mundo ainda por nascer.
46. E nossa criança nasceu ...
47. e fui imortalizada como Chingada!

48. Anos depois, você levou nosso filho (minha querida
49. criança mestiça do novo mundo)
50. para criar em seu mundo
51. Você ainda não via.
52. Você ainda não via.
53. E a história iria me chamar
54. Chingada.

55. Mas Chingada eu não fui.
56. Não fui enganada, ou ferrada, nem traidora.
57. Pois não traí a mim mesma —
58. Eu vi um sonho
59. e eu o alcancei.
60. Outro mundo
61. la raza.
62. la raaaaa-zaaaaa . . .